

ENTRE A TERAPIA OCUPACIONAL E AS ARTES: CENAS DE MOMENTOS CLÍNICOS

Between occupational therapy and the arts: scenes of clinical moments

Entre la terapia ocupacional y las artes: escenas de momentos clínicos

Maria Cecília Martins Ribeiro Corrêa

<https://orcid.org/0000-0002-0510-0807>

Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Eliane Dias de Castro

<http://orcid.org/0000-0003-4980-9292>

Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte e Programa de Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional e Inclusão Social, São Paulo, São Paulo, Brasil.

RESUMO

Introdução: O artigo trata sobre uma experiência clínica dedicada ao atendimento de pacientes com deficiência física adquirida, ocorrida durante 10 anos em instituição sem fins lucrativos. **Objetivo:** apresentar e refletir sobre o estilo clínico constituído. **Método:** Duas questões norteiam o artigo: como pensar os materiais e sua utilização na clínica? Como acompanhar a produção dos trabalhos dos pacientes e cuidar do destino das obras? Para essa abordagem fomos orientados pela psicanálise de Donald Winnicott. Considerando que a experiência será matéria-prima deste artigo nos apoiamos no uso de narrativas do encontro clínico, que estabelecem através do tempo atualização da experiência, reflexão, desvelamento de novos sentidos e construção de conhecimento sobre o vivido. **Resultado:** Essa prática de cuidado aconteceu na fronteira entre dois campos de conhecimento, a arte e a terapia ocupacional, constituindo o que denominamos clínica terapêutica ocupacional híbrida com a arte. A perspectiva da clínica híbrida desloca o eixo terapêutico do curativo para o cuidado. **Discussão:** Mobilizados pelo pensamento de Winnicott, estudamos o trânsito no espaço entre, além e através dos campos. Encontramos o deslocamento da terapia ocupacional em direção à arte e da arte em direção à vida e à produção da saúde. **Conclusão:** A hibridização entre campos de conhecimento expande as possibilidades de criação, experimentação, exploração e de construção de saberes em ambos. O encontro entre a clínica terapêutica ocupacional e a arte estabelece uma relação de complementariedade, onde tanto a arte contribui para terapia ocupacional como reciprocamente, as experiências clínicas adentram o campo da arte.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Terapia Ocupacional [tendências]. Prática Profissional [tendências].

ABSTRACT

Introduction: The article deals with a clinical experience dedicated to caring for patients with acquired physical disabilities, which took place over 10 years in a non-profit institution. **Objectives:** Its objective is to present and reflect on the established clinical style. **Method:** Two questions oriented the development of the study: how to think materials and their use in the clinic? How to follow the production of the patients' artistic work and to take care of the destination of that work? We were guided by Donald Winnicott's psychoanalysis, considering that the experience would be the raw material of this study, we based on the use of narratives of the clinical encounter, which establish the updating of the experience, reflection, unveiling of new meanings and construction of knowledge about what has been experienced. **Results:** This practical care took place on the border between two fields of knowledge, art and occupational therapy, constituting what we call an occupational therapy clinic hybridized with art. The perspective of the hybrid clinic shifts the therapeutic axis from dressing to care. **Discussion:** With Winnicott, we study the transit in the space between, beyond and across fields. We find the shift of occupational therapy towards art and art towards life and the health production. **Conclusion:** Hybridization between fields of knowledge expands the possibilities for creation, experimentation, exploration and construction of knowledge. The meeting between the occupational therapy clinic and art establishes a complementary relationship, where art contributes to occupational therapy and reciprocally, clinical experiences enter the field of art.

KEYWORDS: Art. Occupational Therapy [trends]. Professional Practice [trends].

RESUMEN

Introducción: El artículo aborda una experiencia clínica dedicada a la atención de pacientes con discapacidad física adquirida, que se desarrolló a lo largo de 10 años en una institución sin fines de lucro. **Objetivos:** Es presentar y reflexionar sobre el estilo clínico establecido. **Metodos:** Dos preguntas guían el estudio: ¿cómo pensar los materiales y su uso en la clínica? ¿Cómo monitorear la producción de las obras de los pacientes y cuidar el destino de las obras? Nos guiamos por el psicoanálisis de Donald Winnicott, considerando que la experiencia será la materia prima, nos basamos en el uso de narrativas del encuentro clínico, que establecen la actualización de la experiencia, la reflexión, el develamiento de nuevos significados y la construcción de conocimiento sobre lo vivido. **Resultados:** Esta práctica se desarrolló en la frontera entre dos campos del conocimiento, el arte y la terapia ocupacional, constituyendo una clínica de terapia ocupacional híbrida con el arte. La clínica híbrida desplaza el eje terapéutico del cuidado. **Discusión:** Con Winnicott, estudiamos el tránsito en el espacio entre, más allá y a través de los campos. Encontramos el giro de la terapia ocupacional hacia el arte y del arte hacia la vida y la producción de salud. **Conclusión:** La hibridación entre campos amplía las posibilidades de creación, experimentación, exploración y construcción de conocimiento. El encuentro entre la clínica de terapia ocupacional y el arte establece una relación complementaria, donde el arte aportan a la terapia ocupacional y recíprocamente, las experiencias clínicas ingresan al campo del arte.

PALABRAS CLAVE: Arte. Terapia Ocupacional [tendencias]. Práctica Profesional [tendencias].

Como citar:

Corrêa, M. C. M. R.; Castro, E. D. (2025). Entre a Terapia Ocupacional e as artes: cenas de momentos clínicos. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 9(1): 2985-3000. DOI 10.47222/2526-3544.rbto65004

Introdução

O acontecer clínico é campo privilegiado de pesquisa, aqui trataremos de experiência situada na fronteira entre os campos de conhecimento, arte e terapia ocupacional. Lugar que constituiu o que chamamos de clínica terapêutica ocupacional hibridizada com a arte.

Construir conhecimento apoiado na experiência clínica, implica dar voz “àquilo que nos chega das margens, enevoadamente, como afeto, impressão, clima etc., ou seja, que nos chega na condição de desconhecido e inominável” (Figueiredo & Loureiro, 2018). Lugar enunciativo que nos aproximamos através do processo terapêutico do “Coletivo Mosaico de Nós” que começou em agosto de 2005, quando a instituição contacta a terapeuta ocupacional solicitando entretenimento para grupo de pessoas adultas com deficiência física adquirida. História que termina em 2015, quando os objetivos terapêuticos não mais dialogavam com as demandas institucionais.

Para dar voz ao acontecer clínico, recorreremos às narrativas pois, “a tarefa do narrador é trabalhar a matéria-prima da experiência” (Benjamin, 1987). A narrativa tem a capacidade de trocar experiências, suscitar espanto, reflexão e conservar a força germinativa do acontecimento.

O eixo desse artigo é experiência clínica apresentada em forma de narrativa, ao seu redor entrelaçam-se os dois campos de conhecimento e as questões produzidas nessa experiência híbrida. As concepções da psicanálise de Winnicott permeiam o encontro clínico na compreensão e construção da experiência. As narrativas do acontecer clínico são imagem e motor que colocam em movimento os fenômenos e as operações conceituais estudadas.

Elementos constitutivos do pensar-sentir-fazer clínico

Essa trajetória clínica permitiu a construção de uma clínica singular que transita e se constitui no espaço entre campos da arte e da terapia ocupacional. O fazer clínico acompanhado por reflexões e questões, por exemplo: como pensar os materiais e sua utilização na clínica? Como acompanhar a produção dos trabalhos artísticos dos pacientes e cuidar do destino das obras? São perguntas que orientam este artigo.

Para iniciar, esclarecemos nossa posição. De que Terapia Ocupacional falo? Qual o sentido do termo hibridizada? O que pensamos sobre a arte? E, por que Winnicott?

A Terapia Ocupacional é campo de conhecimento plural que atua nas práticas de cuidados humanos. Seu profissional tem como elemento orientador de sua clínica as atividades e produções humanas, que acontecem circunstanciadas por um universo cultural. Apropriada da multiplicidade das atividades humanas, reconhecendo sua potência transformadora, a clínica terapêutica ocupacional constrói pontes que possibilitam a travessia da pessoa em condição de sofrimento em direção à saúde; compreendida como a capacidade de participar pessoalmente e criativamente da vida cultural e institucional de uma comunidade, como a capacidade aumentativa da potência de vida de todo ser vivo. Assim, o terapeuta ocupacional é o profissional da área da saúde que afirma a potência do encontro com as coisas do

mundo e do ato de pegá-las e transformá-las segundo sua personalidade. Ele lida com pessoas marcadas pela deficiência, loucura, abandono, exclusão e com o mundo que as rodeia, com seus elementos e aspectos sociais e culturais, em sua dimensão material e imaterial. Visa à recuperação da experiência de fruir com as coisas do mundo e da vivacidade no corpo inerente à realização. Acompanha o ser humano com toda a sua complexidade em sua ação no mundo. (Corrêa, 2022).

Coloquialmente, híbrido se refere à qualidade do que ou o que resulta da junção de coisas diferentes. (Infopédia, 2024). Alinhadas com Lima (1997), compreendemos que a terapia ocupacional se constituiu e se desenvolve num “território fronteiriço entre várias disciplinas” e habitar fronteiras, implica em abordar os “entre-lugares” – os interstícios entre as diferentes categorias que geralmente articulam a diferença” (Simonetti & Souza, 2022). A terapia ocupacional e a arte são hibridizadas pelo encontro que acontece na clínica. Nesse encontro vemos a interrelação e presença mútua de ambos os campos com suas características singulares co-constituindo um “entre-lugar” que é marcado pela multiplicidade e instabilidade; gerando uma tensão que amplia as possibilidades de criação, experimentação e exploração dos dois campos; dinamizando-os e enriquecendo-os. Na hibridização, a terapia ocupacional e a arte exercitam suas relações na fronteira, ao mesmo tempo que são separadas e delimitadas são também porosas e maleáveis, permitindo contatos, trocas, sobreposições, aproximações; experiências que vão na contramão do rigor formal e da funcionalidade.

Na arte moderna ocorreram mudanças a partir da interação entre discursos e da profusão de procedimentos artísticos – muitos materiais, linguagens, incorporações; ocasionando a ampliação das experimentações artísticas, constituindo um repertório diverso que levou a ampliação do campo da arte a uma sofisticação e complexidade nunca vistas. Essas mudanças dificultaram o estabelecimento tanto de uma propriedade comum a todas as obras de arte como de um argumento para construção de uma definição sobre arte. A partir desse momento, quando a arte se afastou da estética retiniana e se embaralhou com a vida; mais do que encontrar definições validou-se a exploração do debate sobre o território do fenômeno artístico, legitimando a possibilidade de se produzir arte com qualquer coisa e sobre qualquer tema. Se qualquer coisa pode ser arte, qualquer um pode ser artista? A resposta é sim, arte é uma atividade humana fundamental, “onde há ser humano há arte” (Lima, 2006). A diluição das fronteiras no campo da arte fez ressoar a pergunta diante da arte contemporânea: Isso também é arte?

Winnicott, pediatra e psicanalista britânico, nasceu em 1896 e morreu em 1971. Realizou seu processo de elaboração teórica desde a década de quarenta até o início dos anos 70 do século XX. Para a psicanálise trouxe uma visão menos abstrata e dicotômica sobre os fenômenos psíquicos humanos, nomeando os fenômenos psíquicos que encontrava da maneira que seus analisandos falavam, assim criou conceitos e um novo paradigma em psicanálise. Para esse autor, o bebê é um ser lançado na tarefa permanente de viver, considera o ser humano ontologicamente criativo, em constante amadurecimento, portador de uma força vital inata e é, desde o nascimento até a morte, dependente do meio ambiente que vive para efetivação de sua singularidade e potencialidades. Em sua clínica, oferecer acolhimento/holding é condição para que a confiança se estabeleça, para que o desenvolvimento se coloque em marcha, o inconsciente possa se expressar, a criatividade, com sua vitalidade, emergir e o ser humano criador de sentidos existir.

Pensar o oferecimento de holding como objetivo terapêutico é reconhecer que o ser humano para se desenvolver e viver bem sua existência necessita ser acolhido por alguém, um outro capaz de sustentar a continuidade da vida. Compreendemos que é cuidado o encontro clínico em um ambiente hospitaleiro, quando o terapeuta ocupacional junto com os materiais oferecidos se coloca em abertura para receber o gesto criativo do paciente, ele favorece desenvolvimento, transformação e contribuição pessoal do paciente para o mundo.

Aconchego e presença “viva e real” do terapeuta compõe o setting terapêutico ocupacional, que exerce as funções de cuidado sustentando o encontro inter-humano, garantindo a continuidade do ser e oferecendo continência o que, no tempo, produz transformação. Winnicott (1990) escreveu: “Ao praticar psicanálise, tenho o propósito de me manter vivo; me manter bem; me manter desperto. Objetivo ser eu mesmo e me portar bem”; assim ele descreve a posição do terapeuta ao exercer sua função de cuidado como presença implicada, viva e real.

Na clínica estamos junto do paciente-artista criando obras, objetos e cultura. Ao criar, resistimos ao automatismo das coisas e do fazer, mantemos aberto o processo criação, transformação de si e do mundo. Assim, para a clínica da terapia ocupacional hibridizada com a arte, nos interessa compreender arte em seus processos do fazer, desde o encontro com os materiais até o ganho de autonomia e como meios de interação contínua e cumulativa de uma pessoa com o mundo (Dewey, 2010).

Discussão: Um espaço “Entre-Lugar” da arte e terapia ocupacional

Para nos introduzirmos nesse tema apresento o nome de duas artistas, cujas exposições me constituíram como uma terapeuta ocupacional hibridizada com a arte; e minha vivência na 34ª Bienal de São Paulo diante da obra de João Candido, conhecido como Almirante Negro, líder da Revolta da Chibata (1910) movimento político de marujos contra maus tratos e castigos físicos sofridos na Marinha brasileira.

A primeira foi Niki de Saint Phalle, artista francesa, que expôs na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em 1997. A segunda foi Lygia Clark, artista brasileira, que teve suas obras expostas e convidadas à participação do público no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1999.

Sobre Niki. Além das belíssimas, lúdicas e encantadoras Nanás (Phalle, 1974), o que surpreendeu foi sua dor em forma de cartas, transcritas e expostas nas paredes em uma sala da pinacoteca. Ser testemunha, ver a intimidade das cartas-diário expostas, encontrar o fazer artístico atravessado pela dor explicitada no espaço público, despertou em mim uma intuição clínica que ganhou forma anos depois. De imediato, a sala onde fiquei imersa entre as cartas revelou a intensidade do processo criativo e a força de um mergulho em meio às obras. Fruir essa exposição me possibilitou sonhar uma clínica implicada com o potencial cuidador da obra de arte, legitimar o enriquecimento que ela proporciona às nossas vidas e sua capacidade de contar sobre angústias e sofrimentos humanos, ajudando em nossa tarefa de dar sentido aos desafios que a vida apresenta.

Desde então, a vivência dessa exposição em 1997 inaugurou a experiência de montar na sala de atendimento exposições das obras realizadas, onde eu e paciente permanecíamos imersos, fruindo as

intensidades do processo realizado. E, atravessados, conversávamos sobre as angústias, medos, sofrimentos, afetos, experiências humanas encontradas no caminho do processo criativo compartilhado. Contemplar o realizado e encontrar palavras para experiências do viver reconecta e anima a continuidade da vida e redesenha um olhar para o mundo.

A obra de Lygia é exercício de cuidado por ela oferecer objetos significativos para serem manipulados e transformados pelo outro usando sua singularidade e possibilidades. Dessa mesma maneira acontece os encontros pacientes-terapeuta ocupacionais na sala de atendimento, experiência no espaço potencial de Winnicott, que não é mundo externo nem interno, que é espaço do brincar da criança e da atenção do adulto. É lugar onde a criatividade emerge, o "eu" e o "outro" se encontram e constroem e, finalmente, onde acontece a troca, a participação, a experiência clínica da terapia ocupacional hibridizada com arte. A terapeuta ocupacional Corrêa (2022, p.153) relata seu encontro com certo material, os papéis:

... vou contar como me tornei papel.

A coleção de papéis começou cedo,

primeiro coloridos papéis de carta.

Depois decorar papéis brancos,

finos ou grossos: marmorizar, pintar com rolo, pincel,

conta-gotas, escurecer, clarear, lápis de cera, amassar e ...

até exposição de papéis para presentes fiz!!

Ao lado de minha filha, segunda coleção:

papel de origami – o papel na terceira dimensão,

fazer origamis e esculturas de papel.

Mais adiante a colagem

rasgar com a mão, sem controle e achar formas,

usar papel com diferentes gramaturas, texturas e cores

como material para colorir,

inicieei minha terceira coleção.

Criei familiaridade, confiança nesse material.

Papel para mim é coisa significativa, é material hospitaleiro.

Uma mesa com papéis coloridos espalhados... parece inspirador, um convite ao brincar! Ofereci para os pacientes papéis de origami – material convidativo com seus matizes de cor. Ofereci também cola branca tipo PVA, transparente depois que seca e com boa adesão no papel. Todo ambiente organizado para o acolhimento dos pacientes, o que gera confiança e integração; um ambiente hospitaleiro ao gesto pessoal é solidário, recíproco, uma necessidade da natureza humana, regula os vínculos sociais, a ética nas relações (Perrotta, 2014).

As realizações dependem do modo como oferecemos os materiais. O que fazer com papéis coloridos? A escolha da linguagem plástica e do suporte é holding. Winnicott (1982) em seu texto “O mundo em pequenas doses” escreveu sobre a apresentação do mundo para o bebê. Sugeriu que seja apresentado fragmento suficientemente pequeno para que a criança não se atrapalhe e, gradualmente, a mãe amplia os fragmentos e a capacidade do bebê desfrutar o mundo. Algumas vezes estamos com pessoas em condição de sofrimento, que não conhecem atividades artísticas, o que faz necessária a adaptação do terapeuta ocupacional. Essa delicada operação é oferecimento de holding, é sustentação para que as travessias e construções de mundo possam acontecer. Assim, compreendemos que qualquer linguagem plástica pode ser desenvolvida desde que o terapeuta ocupacional as ofereça nas doses que o paciente necessita.

Um acontecimento clínico

Durante dez anos, tive oportunidade de atender em grupo pessoas com deficiência física adquirida, na faixa etária entre 40 e 70 anos que viviam em situação de exclusão e vulnerabilidade social. Desde sua concepção, essa experiência clínica foi denominada Oficina Terapêutica de Mosaico de Papel. Os encontros ocorriam uma vez por semana, com até três horas de duração, o grupo era formado por no máximo doze participantes e se caracterizava como grupo aberto, isto é, não tinha prazo para terminar e permitia que pessoas entrassem e saíssem a qualquer momento do desenvolvimento do processo terapêutico. A atividade proposta era realizada coletivamente.

Levei para o primeiro encontro: convicção de que qualquer ser humano deve ser abordado em sua complexidade sem ser reduzido a coisa ou conceito, uma coleção de papéis coloridos para origami, cola branca, um papel Kraft de aproximadamente 1,20m x 0,90 m e a intenção de fazer coletivamente um grande quadro através da colagem sobre papel com a contribuição de cada participante de acordo com sua possibilidade e disponibilidade. Vi que alguns pacientes podiam rasgar e colar papéis, outros apenas rasgar e havia aqueles que, inicialmente, apenas testemunhavam e relatavam o que estava sendo construído.

Essa conduta revela uma clínica que transita nas fronteiras da arte e terapia ocupacional, se assenta na pessoalidade do terapeuta ocupacional e sua experiência com os materiais e linguagens e se apoia na compreensão da fundamental importância dos materiais com suas qualidades na composição do setting terapêutico. Onde o oferecimento da atividade é presença corporal do terapeuta ocupacional.

Seguiram-se dez anos de atendimento, nos quais a linguagem artística que acompanhou todo processo foi a colagem sobre papel. E durante o fazimento surgiam questões: como fazer uma árvore? Os papéis não têm a cor que queremos? Como desenhar, recortar, colar? Como fazer pedra com papel? Como dar

brilho nos desenhos? Respondê-las significava ampliar o repertório cultural, a experiência estética e técnica do grupo e do terapeuta ocupacional.

A partir da instauração do vínculo de confiança, o sofrimento decorrente das fraturas na continuidade do viver emergiu no acontecer clínico e tornou-se primordial alcançar alguma modulação e dar um contorno para a dor, para isso foi essencial o acolhimento, a confiança, o estabelecimento da capacidade de brincar para então criar mundos e novos modos de viver.

Inicialmente, os materiais apresentados para o grupo na oficina foram papéis coloridos, cola e papel Kraft. Em sintonia com demandas do processo criativo e construtivo do grupo, houve ampliação tanto das linguagens artísticas como dos materiais: desenho – cego e de observação, pintura, aumento da diversidade de papéis com novas texturas e gramaturas, introdução de lápis grafite preto e colorido, tinta guache, tinta acrílica, tesouras, pincéis e algumas sucatas.

Para apresentar o ponto de partida dessa prática clínica, trago uma narrativa intitulada “Um lugar: o campo” de Cecília Corrêa, escrita após a finalização do primeiro dos dozes quadros construídos ao longo dos dez anos de Oficina Terapêutica de Mosaico de Papel.

Um lugar: o campo

Fui trabalhar em uma instituição que buscava um terapeuta ocupacional para distrair os pacientes, pessoas adultas descritas assim: deficientes físicos, desvitalizados, que passavam o dia “desocupados e entediados”. Acreditando, como Leminski (1987), que “distraídos venceremos”, iniciei uma aventura clínica que durou dez anos.

Nela adentrei portando: confiança no ser humano, teorias e princípios, bolsa com materiais e minhas preocupações decorrentes da inexperiência e desconhecimento a respeito dessa condição humana, isso tudo somado a alguma dose de medo. Pura hesitação! temor de terapeuta diante dos primeiros encontros.

Encontrei pessoas vivas, com histórias para contar sobre seu passado, presente e desejo de desenhar futuros. No momento da apresentação das histórias de vida, fiquei diante de um paradoxo: por um lado apareciam sofrimentos, por outro emergia uma alegria brincante. Entendi, a posteriori, que o espaço-tempo para uma escuta sensível e sincera possibilitou ao grupo uma comunicação mais profunda de si, o reconhecimento das diferenças e dos interesses comuns existentes. Nesse encontro se revelaram novidades não compartilhadas e o acolhimento de uma primeira camada de aflição, habitar um corpo estrangeiro.

Com delicadeza, assinali o que havia em comum entre aquelas pessoas – aflições e a vida na roça. Também contei o que havia de diferente – vida na cidade e o gosto pela arte. Os papéis e o mosaico foram marcas de personalidade e diferença, participaram da minha apresentação para o grupo: Cecília Corrêa, fazedora de mosaico de papel; material e linguagem plástica faziam parte da minha identidade e da minha história pessoal. Percebi que alguns pacientes não tinham acesso às artesanias artísticas e me contaram como as brincadeiras foram poucas nas suas vidas, ou como ficaram distantes e opacas.

Na primeira entrevista senti o lugar que o grupo me colocou. Pude perceber que aquelas pessoas depositavam no encontro a esperança de serem compreendidas e ajudadas. Através delas experimentei desamparo, desconfiança na vida e percebi que estava diante de pessoas que necessitavam de cuidado, continuidade e segurança. Acolhi esse pedido, propus-me viver uma experiência com o grupo que oferecesse o espaço-tempo necessário para o aparecimento da criatividade. Reconheci a complexidade dessa condição humana e o valor da continuidade no tempo.

Na semana seguinte o grupo estava resabiado, porém entusiasmado. Estávamos hesitantes diante do desafio da nova experiência. Meu trabalho era sustentar a hesitação, os medos do criar, as aflições, expectativas e potências inerentes ao início. Meus instrumentos para que o movimento do fazer criativo se instaurasse eram: meu corpo, o tempo, a linha do horizonte desenhada no papel Kraft, os papéis de origami com suas histórias, as tradições da colagem e do mosaico; as mensagens que as coisas portam.

Arrumei o ambiente. Sobre todo o tampo da mesa fixei o papel Kraft, nele desenhei uma linha no sentido longitudinal a qual chamei de linha do horizonte; ao seu redor espalhei papéis de origami coloridos de muitos tamanhos. Essa ambientação era provocação/convite, os papéis com sua história, maleabilidade, concretude e potência criativa chamando o grupo; as coisas convocando o fazer.

Após conversa sobre mosaico de papel e o jeito dos nossos encontros, iniciamos o trabalho. Saímos da sala de atendimento para olhar o céu e o chão, o fundo do nosso quadro: quantas cores têm o céu? Quais percebemos? E o chão, como é? Que cores, texturas, coisas, objetos identificamos? Banhados de céu e chão, voltamos para a sala e começamos a rasgar papéis para colar no suporte. Durante a construção do fundo da nossa paisagem, um grupo esperançoso embora hesitante, emergiu e surpreendido pela experiência brincante se arriscou e fez, possibilitando-me vislumbrar seu potencial criador através da dimensão lúdica alcançada.

Talvez você me pergunte: por que papel de origami? Por que o Kraft? Respondo considerando meus encontros com esses materiais, os desdobramentos dessas experiências e reconhecimento de suas qualidades. Os papéis de origamis são coloridos, não mancham com cola, são finos, fáceis de dobrar e de rasgar, têm muitas estampas e carregam tradições. O papel Kraft é maleável, leve, resistente, aceita desenho, tinta, aguenta cola, fita crepe, remendos, emendas, costuras, peso dos papéis colados e tem valor acessível. Velhos conhecidos, sabia que podia confiar neles, que dariam o suporte necessário àquela experiência. E a linha do horizonte? Ela também foi um cuidado – oferecimento de um pequeno fragmento do mundo para ser tecido com a imaginação do grupo. Algo que estava traçado no suporte e sugeria uma paisagem, um lugar para sustentar a criação ou o que quer que viesse acontecer.

Conforme o céu e o chão eram formados, um espaço acolhedor e uma confiança básica foram se estabelecendo, assim como as dificuldades do criar e do fazer foram aparecendo. Em nossas conversas se impôs as aflições: adoecimento, queixa sobre as barreiras encontradas no cotidiano, dependência como sofrimento. Intimamente, sentia as ambiguidades e provocações do grupo através de questões que apareciam nas entrelinhas: você nos aguentará? Suportará a nossa dor, a nossa história? Estava com pessoas que experimentaram radicalmente a impermanência da vida, cujo sentido de futuro, de

continuidade havia se rompido e da confiança no ambiente destruída. Também pude compreender que o que vivíamos juntos – a construção de um lugar – talvez alimentasse uma esperança, respondesse ao anseio de sentido e de reconstrução da fé na vida.

A maleabilidade característica do papel possibilitou a construção de sentidos. Permitiu que enfrentássemos as incertezas do grupo e que suas ambições estéticas fossem alcançadas. A capacidade de adaptação do papel consentiu a adequação dos fazeres segundo as disponibilidades, possibilidades e limites dos participantes, o que favoreceu as relações interpessoais, estabeleceu o espaço transicional criando um clima de brincadeira, cumplicidade e coesão, garantindo a continuidade do projeto.

O uso do corpo para rasgar os papéis modulava o sofrimento, possibilitava o reconhecimento de novos modos de fazer com esse corpo considerado inoperante, reconectava corpo-pessoa. Alguns pacientes rasgavam os papéis com as mãos, outros com as mãos e boca, ou com mãos e cotovelo, punho ou antebraço e, da mesma maneira os colavam sobre o Kraft. O grupo procurava e encontrava modos de fazer, garantindo a apropriação da lida com o material a partir desse corpo envolvido. Alguns não entravam no jogo, mas permaneciam junto, alimentavam-se do ambiente.

Concluímos o fundo da paisagem com a presença das aflições e do processo doloroso de criação. Experimentávamos a hesitação, a angústia da realização de um trabalho que acontece dentro de cada um e ao mesmo tempo sobre os materiais e coisas que nos provocavam. Nessa atmosfera, uma questão surgia: quais figuras comporiam o quadro? Quem habitaria esse lugar?

Estávamos no momento de pôr vida no lugar. Olhamos de longe para o quadro e conversamos sobre o que existiria lá, como seriam essas figuras e onde elas seriam coladas. O grupo decidiu pôr árvores e animais; definiu o lugar de cada árvore e cada participante escolheu um animal para o representar.

Iniciamos pelas primeiras. Contemplamos nosso trabalho de perto e de longe, conversamos sobre nossas plantas preferidas, observamos uma reprodução de Monet pendurada na sala, olhamos o horizonte da paisagem da área externa da instituição, falamos mais sobre o campo que estávamos construindo e escolhemos o lugar das árvores: as grandes nas pontas e as pequenas no centro.

Sentia tensão acompanhada de questões: como faríamos as árvores? Para onde esse processo criativo estava nos conduzindo? Angústias do criar. Essas inquietações se impunham e as mantive em questão: atravessávamos um momento de risco? Qual? Uma participante não queria mais frequentar a oficina, por quê? O que estaria rondando o grupo? Seria uma visita da precariedade da vida? Seria momento de colar figuras no fundo? Um mal-estar geral da convivência? Eu não sabia, só sentia o coração apertado e a necessidade de sustentar as angústias, as dúvidas e continuar. Nesse dia, as árvores que fizemos e colamos não "sobreviveram". Ficaram no quadro, foram contempladas durante a semana e no encontro seguinte, foram retiradas do mosaico por não responderem às imagens sonhadas pelo grupo. A permanência das coisas favorece a travessia, o quadro com o fundo foi permanência.

Questiono internamente se fazer árvores naquele dia era uma reação à invasão dos sentimentos inerentes ao criar – medo, aflições, ansiedade e angústias. Também surgiram questões quanto à

confiabilidade de nossos vínculos: um medo sobre a continuidade da oficina assentado nas histórias de vida dos participantes e intensificado pela dinâmica institucional baseada em trabalho voluntário pouco conectado com as necessidades fundamentais daquelas pessoas. Sendo assim, como prosseguir? Como colar figuras no fundo? Como aparecer, o que mostrar, a que dar existência?

Estava inteiramente envolvida e comprometida. Juntos experimentávamos essa invasão de sentimentos e desenvolvíamos a capacidade de acolher as tensões do não saber, dores e medos do criar, momento que construímos ponte entre mundo de dentro e de fora, quando terapeuta ocupacional e paciente juntos sustentam caos, incerteza, não saber diante do que emerge sob a ameaça da dor do já ocorrido que interrompeu o viver.

Novamente, a maleabilidade do papel nos ajudou. A copa das árvores foi feita de papéis enroladinhos, troncos e galhos com papéis rasgados miudinhos. Assim atravessamos, a partir dali, durante as colagens, o universo de sofrimento desse grupo passou a ser compartilhado com maior frequência, intensidade e intimidade: dificuldades com escaras, o paciente diabético que necessitou amputar suas pernas porque não cuidou, recorrentes infecções urinárias, paciente hospitalizada, a dificuldade de enxergar e a falta de autonomia para ir ao oculista. Enfim, a raiva e a dor de, repentinamente, acordar em um corpo que não reconhece como seu e que não responde à sua vontade – acordar um dia sem entrever a liberdade.

A abertura e disponibilidade para estar com o grupo somada à continuidade dos nossos encontros, estabeleceu um vínculo de confiança que instaurou um campo de experiências intersubjetivas que possibilitou, no decorrer das sessões, o compartilhamento de sofrimentos humanos desse universo experiencial, como: interrupção trágica do viver, corpo estrangeiro, discriminação e exclusão social, submissão e invasão pelo outro, falta de sentido para a fatalidade, potencial precocemente morto, solidão.

Sonhei com uma frase: todo material tem sombras e revelações. Os papéis rasgados e colados mostraram seus limites estéticos, suas sombras – espaço vazio indagador; é nesse mesmo lugar que as qualidades se revelaram, os elementos da cultura se manifestaram e deram sustentação às operações do processo criativo. Confiando na criação e compartilhando o sofrimento humano, encontramos o papel rasgado miudinho e as bolinhas, as novas maneiras de fazer desenvolveram nosso estilo, ampliaram as respostas às nossas ambições estéticas e as possibilidades de participação do trabalho coletivo. As árvores sobreviveram e nós também.

Nesse momento, a falha do ambiente – vivida na limitação da terapeuta ocupacional, do material e do modus operandi institucional – foi acolhida, sustentada, modulada, ganhou contorno aceitável, compreensível e tolerável. O grupo retomou seu processo, surpreendeu-se com a força das árvores que criou. Pediu para fazer colagem nos dias em que eu não estava na instituição. Acolhi o pedido e deixei os materiais disponíveis.

Conhecido por todos, o mosaico ganhou um sentido singular para esse grupo. Passou a ser metáfora de sua experiência: os papéis rasgados e encontravam novas formas, assim como eles tiveram a vida interrompida e criavam/encontravam com os papéis, novas maneiras de ser e de estar no mundo.

Plenos, finalizamos. As árvores da paisagem estavam prontas, restava colar na paisagem os animais escolhidos.

Colamos os animais, cada um encontrou um lugar específico para o seu. Falei como enriquecemos nossa paisagem com seres de movimento que inspiram liberdade. Penduramos o quadro na parede, olhamos demoradamente para ele. Sugeri que cada um imaginasse o que via na paisagem a partir do lugar escolhido para colar seu animal para depois compartilhar com os demais.

Solitária e silenciosa, olhando para o quadro encontrei na minha imaginação a obra "Roda", do artista Milton Dacosta. Simultaneamente, um participante, com seu olhar e imaginação, encontrou pessoinhas nos pedacinhos de papel que compunham o chão de nossa paisagem e propôs para o grupo a brincadeira de procurar-encontrar outras pessoas no quadro. Testemunhei a potência germinativa das coisas, a riqueza e alegria do brincar, do convívio social, o mundo imaginativo alimentando a vida. O jogo ofereceu cuidado e alívio de sofrimento. Com a brincadeira, o grupo lamentou a ausência de pessoas no quadro e expressou seu desejo de incluí-las.

A partir dessa fala me senti autorizada a apresentar, na semana seguinte, a obra "Roda" para o grupo. Mostrei a imagem, todos gostaram, lembraram de suas cirandas. A figura foi recortada e colada no quadro, acrescentamos dois meninos e todos do grupo foram humanizados. Em nosso encontro instalou-se vida, brincadeira entre pessoas, esperança de serem compreendidos e cuidados.

Último dia, celebramos o fim. Entreguei para cada paciente um cartão-postal com foto da nossa obra. Demos o título: "Um lugar: o campo". (figura 1)

Terminamos. Toda finalização abre novas portas.



Figura 1 –Um lugar: o campo

Retorno à arte, encontro com o destino da obra

Na 34ª Bienal de São Paulo, ao ver os bordados de João Candido fui afetada. Radicalizando o projeto moderno, presencio a passagem da obra do cidadão comum para objeto de arte. Mesmo não fazendo parte do campo da arte, "Dois bordados de João Candido" tornaram-se objetos de arte ao entrar no

sistema da arte através da 34ª Bienal de São Paulo, foram publicados nessa exposição, provocando espanto e dúvidas no observador.

Sua aparência é ingênua, enigmática, opaca e paradoxalmente emblema de resiliência, indignação e resistência frente aos acontecimentos aversivos do seu contexto original. Bordados evanescentes diante da força e legitimidade da Revolta da Chibata que revelam a arte “como uma solução para os problemas sem solução”, como disse Gullar (1995).

Ao se abrir para um uso pessoal da arte de bordar, João Candido explicita uma dimensão política seu gesto como resistência, uma dimensão de cuidado seu gesto como construção de sentido para a dor da existência; ambas são constitutivas da arte e do ser humano. O gesto resistente: ao contemplar a sua condição e agir, resistir, testemunhar para a posteridade a barbárie vivida. O gesto cuidador: os delicados e rudes bordados modularam seu sofrimento excessivo, permitiram que ele costurasse seus pedaços, integrasse, criasse forma para o terror vivido na prisão da Ilha das Cobras e, então, construísse um mundo humano para existir.

Implicado com sua dor, João Candido atravessou essa experiência fazendo coisas, agindo criativamente sobre seus bordados como um modo de cuidar de si mesmo. Ao bordar, deu contorno para a dor, se expressou, criou um símbolo, essa produção tem efeitos de transformação tanto de sua realidade psíquica como a realidade compartilhada (Lima & Pelbart, 2007).

Na 34ª Bienal de São Paulo, no nicho onde se encontrava a obra “Dois bordados de João Candido” vivi arte como lugar de atenção e favorável ao mundo. Um espaço de afirmação onde uma pessoa comum, fora do espaço instituído da arte, atravessou sua fronteira, foi reconhecido e apresentou a questão: isso é arte?

Situação que desloca arte da concepção de obra-prima em direção ao viver. Eleger os bordados de João Candido como enunciado da 34ª Bienal de São Paulo, explicita nosso passado escravagista e no campo da arte afirma o “direito de qualquer um contribuir com sua expressão para o universo cultural e artístico de uma sociedade” (Lima, 2006). Expor essa “arte menor” é uma ação política, mostra o que deve ser visto e não deve ser esquecido; no caso de João Candido, ativa a memória da história e dialoga com nossos tempos sombrios.

Na clínica da terapia ocupacional hibridizada com a arte, o encontro acontece entre terapeuta ocupacional e pessoas em sofrimento pelo adoecimento, precariedade, desalojamento, exclusão em meio a lápis, tintas, argilas, movimentos, sons e demais materiais. Espaço de cuidado que abriga experimentações de linguagens artísticas, onde é possível a criação de si mesmo e de obras e/ou acontecimentos produzidos fora de espaços instituídos da arte. “(...) São objetos criados na fronteira da arte que mobilizam nossa sensibilidade, nos inquietam, nos põem a trabalhar, pois não formulamos essa pergunta diante de todo rabisco, toda imagem, linha, forma, frase que encontramos no cotidiano povoado de estímulos visuais, sonoros, gráficos” (Lima, 2006, p.319).

A Oficina Terapêutica de Mosaico de Papel constituiu acervo com doze obras que possibilitou a exposição "Mosaicos: Mapas de Nós". Realizada de forma gradativa, desde a sala de atendimento quando o grupo parava para ver, perceber e refletir sobre o trabalho feito até a comunidade.

No decorrer do processo criativo/construtivo da oficina, quando o grupo havia constituído acervo com dez obras, duas profissionais do campo da arte foram consultadas pela terapeuta ocupacional para responderem às seguintes perguntas: isto é arte? É possível esse coletivo participar de um evento artístico? Estávamos em 2008, a ideia era participar da Bienal Naïfs do Brasil. A primeira resposta introduziu a terapeuta ocupacional na complexidade da pergunta; a segunda abriu a possibilidade do grupo ingressar no sistema da arte.

A partir de então, o acervo do coletivo "Mosaicos de Nós" agenciado pela terapeuta ocupacional, alcançou espaços do sistema da arte. Em 2009, no Espaço Cultural Conjunto Nacional; em 2010 um quadro do coletivo e dois individuais na X Bienal Naïfs do Brasil no SESC Piracicaba; em 2012, no Projeto Arte no Metrô de São Paulo (figura 2); em 2014, participações individuais na XII Bienal Naïfs do Brasil.



Figura 2 - Projeto Arte no Metrô, São Paulo 2014

Trabalhar na fronteira arte-saúde, provocou movimentações, alargamentos, impôs a busca de espaços de participação social e pertencimento, onde olhares para além das paredes dos dispositivos de saúde pudessem legitimar e dar existências a pessoas que vivem em situações radicais de sofrimento. A presença dos bordados de João Candido na Bienal o torna um artista; pela provocação, desalojamentos, movimentações que surpreendem o espectador não pela contundência, mas pela delicadeza. As experiências expositivas do coletivo "Mosaicos de Nós" apresentou o universo da arte para esse grupo e instaurou uma questão: eu sou um artista?

Considerações finais

Minha história com a arte é intuitiva; dela me aproximei pela experiência poética sem defini-la. Sabemos que não é possível fixá-la em uma única concepção e como um organismo vivo sensível ligado a objetos singulares, a arte se afeta, se expande, se transforma com os ruídos, com as

condições históricas e sociais em que ela existe. Penso que arte compõe uma experiência poética, tem sua tradição e é o que qualquer ser humano cria e faz para si em meio à comunidade em que vive.

Na clínica nos interessa estar com o paciente-artista que cria obras, objetos e cultura. Criando, resiste ao automatismo das coisas e do fazer, mantém em movimento processos de transformação de si e do mundo. Então, para a clínica da terapia ocupacional hibridizada com a arte interessa compreender a arte em seus processos do fazer, desde o encontro com os materiais e, "como projeto para emancipação de todos, arte como prática de interferência direta no mundo." (Castro, 2007).

Na introdução, apresentei questões que provocam por carregar noções que transitam por ambos os campos. O material é fundante na arte e na terapêutica ocupacional, porta marcas da cultura, história pessoal e do convívio com o terapeuta, sentidos e significações que auxiliam no cuidado do sofrimento humano. Diante dos materiais, ao criar uma obra, pacientes e artistas criam um lugar de morada e transformação, instalam uma posição através da qual dialogam com o mundo, entram e participam dele.

O fim da obra e seu destino é importante tanto para arte como para terapia ocupacional. A finalização de um trabalho traz em si abertura para o devir, para novos usos tanto da obra como da materialidade disponível, pois o ato do fazer/criar é contínuo e constitutivo. É na materialidade da obra que encontramos a autoria, tensão entre dois olhares – do fazedor e do outro – e uma possibilidade de nos colocar diante desse outro e acessar a comunidade.

Acompanhando essa experiência híbrida de terapia ocupacional e arte, encontramos uma relação de complementariedade que constituiu uma interação – a arte adiciona saberes à terapia ocupacional que por sua vez adentra o campo da arte. Ambos apresentam noções ao outro que orientam maneiras de perceber, conceber e pensar o próprio campo (Estrada, 2009).

No Brasil, Nise da Silveira e Osório Cesar compreenderam a dimensão artística dos trabalhos realizados nos setores de terapia ocupacional, ambos atravessaram os muros institucionais tanto da saúde como da arte e publicaram seus pacientes como artistas. Bispo do Rosário também, a vitalidade e força de suas criações chacoalham as convenções da saúde e da arte.

Se a arte com sua tradição tem muito a contribuir para terapia ocupacional, por sua vez a criação artística que acontece nos espaços de saúde produz rupturas no campo da arte e constituem campos expandidos para a própria Terapia Ocupacional. Rupturas que respondem ao anseio dos artistas modernos de embaralhar arte e vida, cuja força de criação está cada vez mais disponível aos processos de produção da saúde.

REFERÊNCIAS

Benjamin, W. (1987). O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Brasiliense.

Castro, E. D. (2007). In pacto: arte, corpo e terapia ocupacional. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 11, (22), 393-398. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000200021>

Corrêa, M.C.M.R.C. (2022). O encontro com as coisas e o ato do fazer: trânsitos entre a arte e a clínica da terapia ocupacional. [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-24102022-132121/pt-br.php>

Dewey, J. (2010). A Arte como experiência. Martins Fontes Livraria

Estrada, A. A. (2009). Os fundamentos da teoria da complexidade em Edgar Morin. AKRÓPOLIS - Revista De Ciências Humanas Da UNIPAR, 17(2). <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/2812>

Figueiredo, L. C. (2012). As diversas faces do cuidar. Escuta.

Figueiredo, L. C. (2009). As diversas faces do cuidar: considerações sobre a clínica e a cultura. In: MAIA, M. S. (Org.), Por uma ética do cuidado (pp.121-140). Garamond

Figueiredo, L. C. & Loureiro, I. (2018). Os saberes psi em questão: sobre o conhecimento em psicologia e psicanálise. Vozes.

Gullar, F. Dor e arte. Folha de São Paulo, 7 maio 1995. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/5/07/mais!/15.html>.

Infopédia (29 de setembro de 2024) <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/h%C3%ADbrido>.

Leminsk, P. (2009). Toda poesia. Companhia das Letras

Lima, E. M. F. A. (1997). Terapia Ocupacional: Um território de fronteira? Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo. São Paulo, 8, (2/3), 98-101. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.rto.1997.224821>

Lima, E. M. F. A. (2006). Por uma arte menor: ressonâncias entre arte, clínica e loucura na contemporaneidade. Interface: Comunicação, Saúde, Educação. Botucatu, 10, (20), 317-329. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832006000200004>

Lima, E. M. F. A. & Pelbart, P. P. (2007). Arte, clínica e loucura: um território em mutação. História, Ciências, Saúde, 14, (3), 709-735. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702007000300003>

Phalle, Niki de Saint (1974). Fontaine aux quatre nanas. Escultura, tinta sobre plástico. (55 x 225 x 0 cm). Pinacoteca de São Paulo. <https://acervo.pinacoteca.org.br/online/ficha.aspx?ns=216000&id=13402>

Perrotta, C. M. (2014). Processos criativos no espaço terapêutico da escrita: um diálogo com D. W. Winnicott, Clare Winnicott e Marion Milner. 2014. [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15355>

Simoneti, C. A. M. & Souza, N. M. F. (2022). Epistemologias do Interstício: Hibridismo, Pensamento Liminar e Conexões Pós/Decoloniais1. Carta Internacional, 17(1), e1230. <https://doi.org/10.21530/ci.v17n1.2022.1230>

Winnicott, D. W. (1982). A criança e seu mundo. Livros Técnicos e Científicos.

Winnicott, D. W. (1990). O ambiente e os processos de maturação. Artes Médicas.

Contribuição dos autores: M. C. M. R. C. é a autora principal e realizou o campo, os estudos e a redação do relatório de pesquisa e do artigo, selecionando para o presente artigo partes convergentes com o tema do Dossiê. E. D. C. orientou o processo, estimulou a publicação, acompanhou com leituras e sugestões o processo do texto e reviu resumos e formatos finais.

Recebido em: 28/07/2025

Aceito em: 23/09/2025

Publicado em: 12/03/2025

Editora convidada: Juliana Araújo Silva